

PARÓQUIA DE SÃO BOAVENTURA DE CANAVIEIRAS – BAHIA:
Conflitos de uma freguesia em festa (1951-1960)

Oslan Costa Ribeiro¹

O presente artigo resultado de pesquisa de iniciação científica abordará os conflitos de uma freguesia em festa. A festa aqui em dois espaços, a festa na igreja e a festa de largo. Os conflitos da Igreja contra a festa de largo, a qual a mesma se refere como “profana”, provocaram episódios de confronto entre os padres e a população, ao ponto de se recorrer à polícia, à justiça e à interdição eclesiástica da diocese de Ilhéus, como métodos de repressão e controle sobre as festas de largo, ligadas às festas religiosas da paróquia de Canavieiras, nesse recorte. O que iremos constatar é que a Igreja provocou conflitos com a população, impondo seu poder, o que nada adiantou, pois mesmo com relações rompidas, o povo continuou festejando, resignificando sua religiosidade popular, sem perder o entusiasmo nas festas de largo.

Palavras-chave: Festa religiosa, festa de largo, paróquia de Canavieiras.

O tempo da festa tem sido celebrado ao longo da história dos homens como um tempo de utopias. Tempo de fantasias e de liberdades, de ações burlescas e vivazes, a festa se faz no interior de um território lúdico onde se exprimem igualmente as frustrações, revanches e reivindicações dos vários grupos que compõem uma sociedade.²

Iniciamos nosso artigo citando Mary Del Priore, que introduz nosso objeto de discussão com excelência, pois, é de tempo de festas, com suas celebrações religiosas e conflitos internos que iremos falar. Mais propriamente falando de festas religiosas e festas profanas no município de Canavieiras, na região cacauceira do sul da Bahia.

Nosso recorte proposto, 1951-1959, se justifica a partir da confiabilidade das fontes encontradas para essa análise. São relatos dos padres Agostinho Stauder (1951-1957) e Shelley Andrade de Sousa (1958-1960), encontrados registrados no Livro de Tombo da Paróquia de São Boaventura de Canavieiras, de onde eles foram vigários nesse período, provisionados pela Diocese de Ilhéus, criada em 1913, única diocese de todo Baixo-sul e sul do Estado da Bahia nessa época.

Nessa documentação são encontrados relatórios mensais provenientes das ações pastorais dos padres na Paróquia de São Boaventura de Canavieiras: missas,

comunhões, batizados, casamentos, festas e procissões. Daí surgiu na documentação o que incentivou a nossa pesquisa.

Algumas dessas festas eram duramente criticadas pelos dois vigários acima citados, pois, tais festas a Igreja não aprovava e também não tomava parte, por seu forte lado, a qual a mesma chama de “profano”, e quando tomava, era rechaçada pela população, que não aceitavam se curvar perante a autoridade eclesiástica e seus moldes de se festejar. Pois, de algum modo, esses festejos não estavam dentro dos padrões litúrgicos e de moral da fé cristã, esperados pela Igreja.

Essas festas aconteciam no decorrer do ano, começando com a procissão de Bom Jesus dos Navegantes em 1º de janeiro, organizada pelo Sindicato dos Estivadores, seguida da festa de São Sebastião, de 11 a 20 de janeiro, que era organizado pelos moradores da Praça da Capelinha, e a festa do Natal em 25 de dezembro, que também era realizada pelos moradores da referida praça. Essa última festa, começava na mesma capela e praça, de 20 de dezembro a 20 de janeiro do ano seguinte, ou seja, um mês de festa na capela e na praça em homenagem a Jesus, Maria e José e o mártir São Sebastião.

Essas festividades religiosas, tidas como profanas, nada tinha haver com os atuais moldes da Igreja, mas eram tidas como obrigação religiosa a um santo protetor de uma comunidade, geralmente ligadas a uma classe de trabalhadores, ou simplesmente, de uma parte da população do município, que se via longe dos padrões religiosos e culturais que a Igreja almejava. Longe também falando, do centro da cidade, aonde se encontrava a Igreja Matriz, o Paço Municipal, o comércio e o porto, onde a elite residia e exercia o poder. Logicamente, essa parte da população não se via como parte dessa sociedade, portanto, isso era tão recorrente se fazer festa para um santo, sem se quer acertar antes com o vigário sobre como e quando celebrar essa festa.

A Igreja queria a todo custo sacralizar essas festas, tida por ela como profanas. Negava-se em celebrá-las, sobretudo porque, o que mais a incomodava era essa “independência” religiosa do padre, tendo ou não um, se festejava do mesmo jeito. Sem falar, nas festas de largo, onde segundo os padres Agostinho Stauder e Shelley Andrade de Sousa, “eram locais de bebedeira, bacanal e jogatina”³.

“A separação entre sagrado e profano proposta pela Igreja visava alterar a sensibilidade e a mentalidade religiosas. Daí a objeção sistemática às comemorações festivas, tidas como ocasião de pecados múltiplos: a embriaguez, a glotonaria, a

luxúria, a vaidade, o dinheiro desperdiçado no jogo, a “loucura” das danças, todos os pecados que aproximavam os homens ao Demônio”.⁴

Conflitos de uma freguesia em festa: contextualizando nossa análise

Antes de adentrarmos, nos conflitos dos festejos religiosos no paróquiato de Pe. Agostinho Stauder, desde sua posse na paróquia de Canavieiras em 08 de maio de 1951, até sua saída em 1958, nos convém, apresentarmos uma contextualização histórica da formação da paróquia e do município de Canavieiras.

Segundo a tradição oral, tudo se inicia com o mito do achado da imagem de São Boaventura em fins do século XVII e início do XVIII, imagem esta, venerada até hoje em Canavieiras. Segundo o relato passado de geração em geração em Canavieiras, a imagem de São Boaventura, medindo quase 90 cm, em madeira do tipo cedro, em estilo barroco português, foi encontrada nas praias do Poxim, hoje distrito do município, por pescadores que ali moravam. A tese que defendemos é que provavelmente essa imagem fazia parte de alguma nau portuguesa ou italiana, já que era comum na época, cada nau ter seu santo protetor e por motivo de naufrágio, esta por sua vez, flutuou pelo mar, sendo levada pelas correntes marítimas até a costa do atual município de Canavieiras.

Nessa época, século XVIII, toda essa região do sul da Bahia pertencia a Freguesia da Invenção da Santa Cruz de São Jorge dos Ilhéus, criada em 1556. À luz dessa devoção, o povoado do Poxim foi se desenvolvendo e ganhando destaque ao ponto de Dom Sebastião Monteiro da Vide (1643 - 1722), arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, criar em 11 de abril de 1718 a Freguesia de São Boaventura do Poxim, desmembrando-a por completo da Freguesia de São Jorge dos Ilhéus. Na época da criação da Freguesia, a sede do povoado do Poxim, era o que chamamos hoje de Poxim de Fora, na beira da praia da Costa. O mesmo povoado hoje fica no que chamamos de Poxim de Dentro, às margens da rodovia BA 001 – Sul.⁵

Segundo o historiador, França Filho⁶, o povoado que fora formado anteriormente em Poxim de Fora, por força das constantes ataques dos índios Botocudos mudou-se para onde se encontra atualmente a sede do município de Canavieiras às margens do rio Pardo e Patipe, perto da barra destes dois afluentes rios com o oceano Atlântico, onde se dedicaram a produção de mandioca, cana-de-açúcar e da extração do pau-brasil. Apesar

se suas terras pertenceram a Ilhéus, foi em Canavieiras que foi plantada as primeiras mudas de cacau, vindas do Pará, em 1746, na fazenda Cubículo. O próspero povoado ganhou foros de vila, com a criação de seu município em 13 de dezembro de 1832, sob o título de “*Imperial Villa de Cannavieiras*”, na época com quase seis mil habitantes⁷. No Brasil Republicano, foi elevada a condição de cidade pelo Ato Estadual de 25 de maio de 1891. Do seu território original, ou seja, de 1891, surgiram os novos municípios sul - baianos de Potiraguá (1953), Camacan (1961), Pau Brasil (1962), Mascote (1962) e Santa Luzia (1985).⁸

Conflitos de uma freguesia em festa: Pe. Agostinho Stauder (1951-1958)

Após percorrermos nesse histórico da formação do município e da paróquia de Canavieiras, vemos que a Paróquia de São Boaventura já tinha quase 240 anos de criada e instalada em Canavieiras, nesse recorte de 1951-1960. Sempre houve queixas dos vigários que pela paróquia passaram, sobre o indiferentismo de alguns indivíduos em relação à pessoa do padre na organização de festas.

O próprio Pe. Agostinho Stauder teve essa impressão no primeiro Natal que celebrou, em 1951:

“Na Capelinha não houve Missa este ano, porque não deram a devida atenção ao padre. Infelizmente, ainda não se conseguiu ainda dar bastante instrução ao povo que organiza estas festas na praça da capelinha, de formas que a Santa Noite de Natal é muito profanada: jogo, música de carnaval, e nada de pensar no Menino Jesus. Mas quem sabe aos poucos... A paróquia já tem mais de 200 anos... muita paciência e prudência. Pois, aqui gostam muito de elogios e não querem saber de repressões. Vamos ver: Deus que ajude!”⁹

Diante desse diagnóstico, começava então assim a luta de Pe. Agostinho, de pretender controlar os festejos natalinos e de São Sebastião na praça e na Capelinha de Jesus, Maria e José. Não houve Missa de Natal, pois os moradores não demonstraram a mínima de assisti-la, mas na praça, faziam questão da festa de largo, que o incomodava. A Capelinha de Jesus, Maria e José teve sua história iniciada pelos idos de 1904, baseada em fonte hemerográfica da época, que destaca uma campanha em prol de sua construção, publicada no jornal *Monitor do Sul*, de Canavieiras:

“Capelinha da Birindiba:

O esforçado cidadão Ricardo Costa, acaba de imprimir uma pequena loteria em benefício da capelinha de Jesus, Maria e José.

É justo que o nosso público perceba com agrado a pretensão d’este dedicado cavalheiro, para que possamos ter, em breve, uma capela digna e decente, já que, por nossa incúria, não temos uma Matriz que ateste o nosso grau de cultura religiosa”.¹⁰

Nessa época, essa região da cidade de Canavieiras era chamada de Birindiba, posteriormente, Boa Vista. O Coronel Ricardo Costa, foi o idealizador desses festejos natalinos na capela em devoção a Sagrada Família: Jesus, Maria e José, que até 1912, ainda estava em campanha de construção, segundo fonte.¹¹

Nesse período já havia as celebrações religiosas na capela, mesmo em construção, seguida de festa de largo na praça defronte, com quermesses, que segundo as mesmas fontes, iam até altas horas da madrugada. Ou seja, era um costume já do início do século XX, que nesse recorte, 1951-1960, encontrou resistência e rompimento por parte dos vigários desse período, na paróquia de Canavieiras.

Na mesma capelinha, também eram celebradas as festas de Bom Jesus dos Navegantes e de São Sebastião, todos os anos. As primeiras festas em devoção a São Sebastião em Canavieiras, que se têm notícias confiáveis, surgiram em decorrência de uma epidemia de varíola que assolou a região no início do século XX, segundo fontes hemerográficas encontradas.¹² São Sebastião é tido na religiosidade popular como o santo contra as pestes de doenças contagiosas. Esses festejos ocorriam primeiramente na Igreja Matriz de São Boaventura, com a construção da Capela de Jesus, Maria e José, passou-se a celebrar na referida capela.

Aos poucos na Capelinha foram se agregando outras festas, que de início eram de comunhão com a Igreja, depois virou fruto de desavenças religiosas na paróquia de Canavieiras. Assim surgem as primeiras impressões desses festejos pelos vigários, como Pe. Agostinho, em 1º de janeiro de 1952, registrou: “Tradicional festa do Bom Jesus dos Navegantes – O ponto mais atraente da festa é a procissão fluvial, que quase termina com desastre. Para o ano [1953] quero ver se haja a possibilidade de organizar melhor.”¹³

E realmente ele conseguiu fazê-la em 1953, com missa e procissão fluvial com a participação maciça dos membros de irmandades e associações religiosas da paróquia. Essa intenção do vigário de poder assumir a organização, liderar e controlar os festejos religiosos, das camadas mais humildes da população de Canavieiras, viria aflorar mais a frente a difícil relação do poder religioso e dos leigos da cidade, principalmente, sobre as festas natalinas e de São Sebastião, de 20 de dezembro a 20 de janeiro na Capelinha de Jesus, Maria e José.

Nesse ponto podemos problematizar: até que ponto esse embate o sagrado e o “profano”, surtiram resultados positivos aos festejos religiosos na paróquia de Canavieiras nesse período?

Quase nenhum, a não ser pela imposição de sua autoridade religiosa no impedimento dessas festas, recorrendo ao Bispado de Ilhéus e até mesmo, a polícia, para impedir a duplicidade de festas a São Sebastião em 1954, que foram celebradas ao mesmo tempo na Igreja Matriz de São Boaventura e na Capelinha de Jesus, Maria e José:

“Arrombadas as portas da Capelinha!

Contra a ordem do Sr. Bispo diocesano, elementos sem escrúpulos, acharam por bem de abrir à força as portas da Capelinha, sob a desculpa, que nesta capela “nem bispo e nem padre mandam”. Apoiados pelos maus católicos fizeram a novena, claro que não foi em louvor a São Sebastião, uma vez que faltava a obediência a legítima autoridade eclesiástica”.¹⁴

Os festejos de São Sebastião aconteceram na Capelinha, mesmo depois do impedimento da mesma, pelo Bispo Diocesano de Ilhéus, Dom João Resende Costa, SDB (1953-1957). A festa oficial foi realizada na Igreja Matriz. Em 1954, Pe. Agostinho Stauder, conseguiu da Prefeitura Municipal, na pessoa do prefeito Osmário Cavalcanti Batista, a doação de um terreno no Bairro 3X (Três Xis), depois Bairro São Sebastião.

A programação da festa para o dia 20 de janeiro do mesmo ano previa duas missas na Matriz, e procissão triunfal à tarde, com as imagens de São Sebastião e de Bom Jesus dos Navegantes, que voltou a ficar sob a guarda da sede dos Estivadores de Canavieiras. Essa procissão foi em direção ao terreno da futura capela, onde Pe. Agostinho benzeu a pedra fundamental para a construção da nova capela, dedicada a São Sebastião, pois essa festa era celebrada na Capelinha de Jesus, Maria e José, ou seja, em igreja emprestada.

Além da doação do terreno do patrimônio municipal, Pe. Agostinho recebeu, como doação pessoal, um cheque de Cr\$ 20.000,00 (Vinte mil cruzeiros), das mãos do prefeito Osmário Batista, para a construção da nova capela.

Com esse fato, agravam-se profundamente as relações do vigário com o povo região da Capelinha, uma vez, que agora perceberam o plano do vigário e do prefeito de tirarem de uma vez por todas a festa de São Sebastião da Capelinha de Jesus, Maria e José.

A resistência continuou. Em 1955, as novenas da festa foram celebradas oficialmente na Igreja Matriz, e a missa festiva no terreno da futura capela de São Sebastião no bairro 3X, enquanto que na Capelinha fazia-se a festa não autorizada a São Sebastião, com festa de largo e a fama de bebedeira e jogatina, que o padre veemente condenava.

Em 1956, ocorreu o capítulo mais grave dessa resistência ao padre e ao bispo diocesano. Dia 11 de janeiro do mesmo ano, foi fomentado o levantamento de dois mastros de São Sebastião em Canavieiras, e o caso foi parar na polícia:

“Este ano [1956] houve acontecimentos extraordinários. O Sr. Altamirando de Carvalho Filho com Raimundo Lages, acharam por bem de desobedecer a ordem do Sr. Bispo em relação do “mastro” de São Sebastião e organizaram um “contra-mastro” que por ordem da polícia ficou proibido. Um senhor de nome José Borba mandou uns artigos para o jornal “Intransigente”, de Itabuna, e “A Tarde”, de Salvador, difamando e caluniando o vigário. Aqui se vê como age a ignorância religiosa em “doutores do cacau”. Mas Deus venceu!”¹⁵

O delegado de Canavieiras, Waldemir Dourado, publicou edital, datado de 10 de janeiro de 1956, esclarecendo ao povo em geral, a proibição do mastro liderado pelo Dr. Altamirando de Carvalho e Raimundo Lage, que queriam levantar na Praça da Capelinha. Com isso, dando razão ao vigário que iria levantar e levantou o mastro no terreno da futura capela do santo no bairro 3X.

Os indivíduos que Pe. Agostinho citou acima, eram pessoas de renome social da cidade, segundo o mesmo padre relatou nas fontes, os mesmos foram a sede do Bispado em Ilhéus, e em audiência com Dom João Resende Costa pediram a saída do Pe. Agostinho da Paróquia de Canavieiras, o que não ocorreu, quem saiu frustrados dessa audiência no Bispado foram eles. Dom João só não apoiou Pe. Agostinho como manteve a Capelinha interdita para o culto divino.

Não existem fontes que nos mostrem como foi a celebração da festa de São Sebastião em 1957 e 1958, as anotações de Pe. Agostinho no livro de tombo findou-se em dezembro de 1956. Essas anotações recomeçaram a partir da posse de seu sucessor em setembro de 1958.

Pe. Agostinho Stauder deixou a paróquia de Canavieiras em 1958, após sete anos de permanência, por remanejamento normal interno da diocese de Ilhéus.

Conflitos de uma freguesia em festa: Pe. Shelley Andrade de Souza (1958-1960)

Pe. Shelley Andrade de Sousa tomou posse na paróquia de São Boaventura de Canavieiras, em 24 de setembro de 1958, provisionado por Dom Frei Caetano Lima dos Santos (1958-1969), bispo de Ilhéus. Suas anotações no livro de tombo começaram desde sua posse, porém, não há registro das festas de São Sebastião em 1959, e sim, 1960:

“A Festa de São Sebastião foi preparada com um tríduo na Igreja Matriz. Ciente dos abusos ocorridos nos anos passados, tratei de fazer sem propaganda por alto falante, mas em vão. Os foliões não querem festa religiosa. Na célebre Capelinha, que ainda continua fora da jurisdição eclesiástica, a despeito de maiores esforços para colocá-la sob a Mitra Diocesana, promoveram entre foguetes e bebedeiras, e licenciosidades¹⁶, novena e festa. Tive que fazer um apelo ao Delegado a que não deixasse sair outra procissão que a da Igreja Matriz. Graças a Deus fui atendido e pude organizar uma digna procissão. Como a Festa de São Sebastião sempre foi festa de mastro e procissão, quase nenhum proveito espiritual teve. Poucas as Comunhões! Dos devotos, nenhuma!”¹⁷

As festas religiosas populares em Canavieiras, como vimos no comentário de Pe. Shelley Andrade de Sousa, com a realização de suas novenas e procissões, independentes da pessoa do padre, continuavam a desafiar a autoridade eclesiástica, em desacordo com o catolicismo romano, celebrando as festas de São Sebastião na Capelinha de Jesus, Maria e José.

“Novamente vemos a festa mediando sistemas e termos e organizando grupos, hierarquias, a passagem do tempo, a renovação do sagrado, mediando sagrado e o profano, o passado

e o presente, vida particular e a pública, a casa e rua, a devoção e a diversão”.¹⁸

Como Del Priore, Amaral também assim define as festas, como um espaço de disputas de afirmação de um grupo, nesse caso entre a Igreja e os leigos, entre o sagrado e o chamado lado “profano”, entre a renovação e a permanência de costumes. A forma de festejar, como e quando festejar, sempre foi conflituoso entre a Igreja e os leigos no município de Canavieiras, na sede (cidade) e interior (distritos) de sua paróquia de São Boaventura.

Nesse recorte de 1951 a 1960, escolhemos analisar as festas ocorridas na sede, em especial as festas realizadas na Capelinha de Jesus, Maria e José e na praça em frente, de 20 de dezembro a 20 de janeiro, festejando a Sagrada Família: Jesus, Maria e José, nas oitavas de Natal, em 1º de janeiro, a procissão de Bom Jesus dos Navegantes, 11 de janeiro, o levantamento do mastro de São Sebastião, seguida de novenas até 20 de janeiro, encerrando-se com a procissão.

Conflitos de uma freguesia em festa: considerações finais

Por meio da documentação encontrada, vimos que os vigários nesse período pretenderam valorizar o catolicismo em Canavieiras, dando um freio nas festas em que o povo celebrava livremente, de uma forma de expressão da religiosidade popular, mal vista pela Igreja, e quando isso se refere à festa de largo, o que conseqüentemente os levavam a cometer excessos: bebedeira, jogatina, a Igreja tomou para si a missão de “cristianizar” essas festas, recuperar, segundo os seus preceitos, a verdadeira religiosidade, que é acima de tudo, uma fé com bases nos sacramentos e na obediência de seu confessor.

Dessa forma, seu projeto era continuar implantando novas devoções, aplicadas desde o início do século XX, e que era moda na Europa da época, como o Mês de Maio – Mês de Maria, e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que teve seu Apostolado de Oração fundado em Canavieiras em 1903. Assim o ideal dos padres era banir esse tipo de festa atrelada às festas de sua paróquia.

Esses conflitos perduram por muito tempo ainda na paróquia de Canavieiras. Sucederam vários padres, a paróquia mudou de diocese, de Ilhéus para Itabuna em

1978, e consideramos que de nada adiantou a imposição eclesiástica nas formas de se festejar em Canavieiras.

Naturalmente esses mesmos festejos se ressignificaram com passar dos anos. Pela defasagem da valorização do cacau e de sua quebra em fins dos anos 1980, contribuiu para controle mais religioso das mesmas, pois, a elite cacaueira de Canavieiras perdeu sua força econômica e conseqüentemente sua influência e seu prestígio. Tudo foi se adequando ao seu tempo e novas formas de festejar surgiram numa freguesia que até hoje vive sempre em festa.

NOTAS:

¹ Graduando do IX e último semestre de Licenciatura em História, pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Pesquisador-bolsista do Programa de Iniciação Científica PIBIC/UESC/CNPq – AF 2011/2012. Membro do Grupo de pesquisa: "História, Memória e Representações: Suportes para o Turismo Cultural" (UESC), atuando na linha de pesquisa: "História, Espaços Urbanos e Identidade". Email: oslan@hotmail.com.br. Orientadora: Prof^a Dra. Janete Ruiz de Macêdo (DFCH/UESC). Email: janetermacedo@yahoo.com.br.

² PRIORE, Mary Del. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 9;

³ Livro de Tombo da Paróquia de São Boaventura de Canavieiras, vol. 2, 1958-1974, p. 5.

⁴ PRIORE, Mary Del. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 90;

⁵ RIBEIRO: Oslan Costa. *III Congresso Internacional UFES/Université Paris-Est/Universidade do Minho*, 2011, Vitória – ES. Anais eletrônicos. Vitória – ES: UFES, 2011. 1 CD ROM, 12 p;

⁶ FRANÇA F^o, Durval. *Canavieiras sua história*. Canavieiras: 1979, p. 5;

⁷ *O Monitor do Sul* – Canavieiras – Bahia, 11 de fevereiro de 1906;

⁸ RIBEIRO, Oslan Costa. *XIII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões*, 2012, São Luís – MA. Anais eletrônicos. São Luís – MA, UFMA, 2012, p. 3-4;

⁹ *Livro de Tombo da Paróquia de São Boaventura de Canavieiras*, vol. 1, 1949-1960, p. 38 v;

¹⁰ *O Monitor do Sul* – Canavieiras – Bahia, Ano III, nº 267, de 02 de outubro de 1904;

¹¹ *O Monitor do Sul* – Canavieiras – Bahia, Ano XI, nº 671, de 24 de novembro de 1912;

¹² Jornais “*O Monitor do Sul*” e “*A Razão*”, entre 1905 e 1910;

¹³ *Livro de Tombo da Paróquia de São Boaventura de Canavieiras*, vol. 1, 1949-1960, p. 40;

¹⁴ *Livro de Tombo da Paróquia de São Boaventura de Canavieiras*, vol. 1, 1949-1960, p. 72 v-73;

¹⁵ *Livro de Tombo da Paróquia de São Boaventura de Canavieiras*, vol. 1, 1949-1960, p. 89 v;

¹⁶ Licenciosidade: qualidade ou caráter do licencioso, que abusa da liberdade, que agride as normas e convenções sociais; desregrado, indisciplinado. (Houaiss, 2008, p. 1754);

¹⁷ *Livro de Tombo da Paróquia de São Boaventura de Canavieiras*, vol. 2, 1958-1974, p. 14;

¹⁸ AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. *Festa à Brasileira – Significados do festejar, no país que “não é sério”*. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade de São Paulo, 1998, p. 224-225.